

# **DO DEBATE EPISTEMOLÓGICO À SALA DE AULA: a disciplinarização da epistemologia no ensino da(s) Teoria(s) da Comunicação <sup>1</sup>**

Luís Mauro Sá Martino <sup>2</sup>

**Resumo:** *De que maneira as discussões epistemológicas sobre Comunicação se articulam com o ensino acadêmico? A questão nasce do que parece ser um paradoxo: não há consenso, entre pesquisadores da área, a respeito de premissas epistemológicas básicas, como o objeto e método da Comunicação. Ao mesmo tempo, nos cursos de graduação, essa pluralidade precisa ser reduzida a umas poucas disciplinas, em especial Teoria da Comunicação. Este texto discute as condições sob as quais ocorre essa compartimentação da diversidade epistemológica nos limites disciplinares universitários a partir de três perspectivas: (1) As condições de disciplinarização dos saberes na área; (2) As demandas acadêmicas e o ensino de Teoria da Comunicação; (3) As teorias presentes em programas universitários. Discute-se até que ponto essa pluralidade se torna problemática na busca de critérios para indicar quais serão os conceitos básicos da área desenvolvidos nos cursos de graduação.*

**Palavras-Chave:** 1. Teoria da Comunicação 2. Epistemologia 3. Ensino

---

## **1. Introdução**

O objetivo deste texto é discutir a Epistemologia da Comunicação dentro, e a partir, do espaço discursivo da disciplina Teoria(s) da Comunicação – o uso do “s” entre parênteses é segue uma precaução metodológica adotada por Lima (1983) e aqui seguida – presente em cursos de graduação e pós-graduação da área. Busca-se delinear como algumas das discussões teóricas e metodológicas se materializam no discurso da disciplina e como isso pode interferir na formação em Comunicação.

O ponto de partida é a observação de certa assimetria entre as discussões epistemológicas e o cotidiano da disciplina nos cursos universitários. No plano

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação, do XXI Encontro da Compós, na Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, de 12 a 15 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Professor do PPG em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Doutor em Ciências Sociais. Email: lmsamartino@gmail.com.

epistemológico, não parece haver consenso a respeito do que caracteriza uma “teoria da comunicação”. Ao mesmo tempo, as demandas prático-pedagógicas no ensino de Comunicação exigem que essas discussões sejam traduzidas em saberes relativamente organizados em uma disciplina acadêmica. Como se dá essa passagem da dispersão epistemológica ao rigor disciplinar?

O texto busca delinear essa pergunta, pensando a epistemologia da Comunicação a partir da sala de aula. A pesquisa é bibliográfica e, em alguma medida, a experiência docente está no início e fim destas reflexões.

Vale observar, de saída, que não há aqui caráter normativo, menos ainda pontifical. Não se busca estabelecer um programa-modelo de Teoria(s) da Comunicação, mas antes verificar as condições que tornam impossível – talvez indesejável – uma proposta dessa natureza nos estudos de Comunicação. Não se observa a questão de fora, mas antes procura-se assumir a condição de participante do jogo, compartilhando dúvidas e inquietações.

O texto se organiza em torno de três eixos: (1) As relações entre a Epistemologia da Comunicação e o aporte disciplinar de Teoria(s) da Comunicação; (2) As condições acadêmicas de organização disciplinar desses saberes e (3) Os conteúdos que chegam à sala de aula como “teoria da comunicação”.

## 2. A Epistemologia e a disciplina Teoria(s) da Comunicação

Não deixa de se notar a ambivalência em pensar que a palavra “disciplina” possa ser usada para significar, de um lado, “controle” e “organização” e, de outro, sirva para designar o corpo de saberes organizado em torno de um eixo dentro do universo pedagógico, constituindo-se em um espaço discursivo relativamente autônomo. De origem latina, a palavra “disciplina” tem seu uso consagrado a partir da Idade Média, e parece derivar do que se referia ao *discipulus*, consagrada à formação/informação que acontece dentro de uma relação entre professor e aluno. Embora em menor escala, verifica-se também na época medieval o uso da palavra para identificar normas de conduta específicas. Dessa maneira, “disciplina” refere-se tanto à organização de saberes dentro de uma relação pedagógica quanto à organização e controle desses saberes (MAGNAVACCA, 2005:225).

Nos anos recentes, foi Michael Foucault (2001; 2009) um dos pensadores que mais se dedicou a observar as ambigüidades do elemento disciplinar associado ao conhecimento a partir de sua arqueologia dos discursos referentes à formação de olhares – ou, mais ainda, de “modos de ver”. Em várias obras, o pensador francês dedica-se a observar como a constituição dos saberes em discursos é uma maneira de controlar os saberes, eventualmente compartimentá-los ao redor de premissas específicas. Disciplinar, nesse caso, significa controlar, estabelecer normas, fronteiras e especificações – o ato disciplinar constitui-se, no campo dos saberes, no ato de selecionar as formações discursivas que presidem a compreensão de uma determinada realidade em um determinado período. É usando essa perspectiva que se pode entender, como questão central deste texto, discutir como a epistemologia da Comunicação é disciplinada no espaço discursivo de uma matéria universitária.

As relações entre ensino de Teorias da Comunicação e os problemas epistemológicos da área não parecem estar entre os temas mais explorados nas discussões do campo. Lozano e Vicente (2010:2) encontram “escasos resultados centrados cuando el objetivo combina el ámbito de las teorías de la comunicación con el escenario de la docencia universitaria”. No entanto, o tema se reveste de especial importância quando se parte do princípio de que as discussões epistemológicas da área devem orientar e fundamentar os estudos de Comunicação, tendo como espaço privilegiado para isso no âmbito acadêmico a disciplina Teoria(s) da Comunicação.

Nesse sentido, como ressalta Silva (2006:13) “a construção de um currículo de comunicação tem a gramática de produção própria do campo”. Teoria(s) da Comunicação, afirmam Sánchez e Campos (2009:2) pode ser um “espaço para refletir sobre as questões epistemológicas de base que sustentam os modelos teóricos trabalhados nas disciplinas” e, igualmente, vista como uma disciplina que articula em primeira instância as discussões da área (EPISTEIN, 1987; TEMER, 2007).

As discussões epistemológicas apresentadas em congressos, encontros e livros da área são expostas a alunos de graduação ou pós-graduação em aulas de Teoria da Comunicação. Os estudantes, diante dos conteúdos que lhes são apresentados, vão formar suas próprias ideias a respeito do que é efetivamente “teoria da comunicação” a partir da articulação com o que é exposto. Dado que os cursos universitários tem uma carga horária

limitada, é necessário selecionar o que será discutido – e com isso, chega-se ao problema central: diante da diversidade epistemológica e da pluralidade de teorias da comunicação, como e o que ensinar na disciplina? O problema é compartilhado por outras matérias, mas no caso de Teoria(s) da Comunicação trata-se de apresentar um cânone básico da área – para o qual não parece haver definição epistemológica.

Lozano e Vicente (2010), a partir de entrevistas com 363 professores de Teoria(s) da Comunicação de universidades européias e latino-americanas encontram uma pluralidade de temas, autores, escolas e abordagens nos conteúdos alocados sob esse nome, o que sugere uma falta de consenso entre docentes na hora de formatar os saberes comunicacionais dentro dos parâmetros de uma disciplina universitária. Essa passagem não está separa das relações de poder que caracterizam a disciplinarização dos conhecimentos (FOUCAULT, 1999; BOURDIEU, 1983, 2007; BARBOSA, 2004).

Em uma visão panorâmica, é possível destacar como temática comum a esse tipo de pesquisa a tentativa de mostrar que a validade de um conhecimento deriva apenas parcialmente das características ontológicas de uma determinada afirmação. Para Sholle (1995:130), a disciplinarização atua como um aparato que auxilia a formar comunidades geradoras de conhecimento e capital cultural. No mesmo sentido, Barbosa (2004:35) recorda que “todo campo de saber é também um campo de poder” e Lopes (2003:279) adverte que “conflitos epistemológicos são sempre, inseparavelmente, conflitos políticos”.

Constituindo-se como campo acadêmico de investigação e, ao mesmo tempo, campo de atuação profissional, em um equilíbrio cujas condições não estão em discussão aqui, a Comunicação não está livre das vicissitudes que essa condição traz (LOPES, 2003, 2006; ROMANCINI, 2006). A investigação da genealogia do campo sugere a existência de fatores políticos na gênese da formação epistemológica (LIMA, 1983, 2001; MATTOS, 2007; MARTINO, L.M., 2011), de um lado, e é possível mencionar igualmente a dinâmica interna do estabelecimento de debates na área.

Nos cursos de Comunicação, Teoria da Comunicação está ao lado de outras matérias teóricas, às vezes agrupadas em ciclos básicos ou fundamentais. Pode-se perguntar, nesse cenário, qual a singularidade de Teoria da Comunicação diante de outras disciplinas que igualmente lidam com um referencial teórico voltado para o estudo da Comunicação. Embora seja possível questionar, no plano epistemológico, até que ponto é necessário estabelecer

divisões disciplinares, a demanda por algum tipo de delimitação em geral está presente no espaço dos cursos de Comunicação.

Essa diversidade nos cursos de Teoria da Comunicação, bem como a variedade de abordagens – sem mencionar a didática do docente, fundamental para o estabelecimento de vínculos maiores com qualquer conhecimento – é percebida também pelos alunos. Estudantes que tem a oportunidade de cursar a disciplina em dois momentos diferentes, digamos, na graduação e na pós-graduação, ou ministrado por professores com concepções distintas do que seja a disciplina, geralmente costumam manifestar surpresa ao perceberem a presença ou ausência de certos temas. Essa percepção, às vezes, se materializa em um discurso de questionamento do que é ou foi apresentado (SANTOS, 2005; PINHEIRO *et alli*, 2006). Não é difícil, ainda nesse universo empírico, ouvir considerações sobre a onipresença de um tema de especialidade do docente apresentado como sendo toda a Teoria da Comunicação.

É nesse momento que os critérios de escolha para inclusão ou exclusão de um tema da disciplina vem à tona: como justificar, digamos, a exclusão da Escola de Frankfurt ou a inclusão da Semiótica da Cultura? Em quais parâmetros é possível se basear na orientação de um programa da disciplina? O que é “Teoria da Comunicação” em uma universidade pode não ser em outra (MARTINO, L.M., 2011).

O próprio conceito de Comunicação é objeto de debate, evidenciando a ausência de um consenso mínimo a respeito do que se está falando no momento da enunciação das teorias da comunicação. O fato de que cada uma delas prevê uma abordagem diferente, da comunicação não contribui para um melhor entendimento do que seja, efetivamente, comunicação (FRANÇA, 2001; BARBOSA, 2002).

Por outro lado, é possível questionar se há de fato a necessidade de estabelecer limites e fronteiras. Em termos institucionais, a área, com suas características plurais e interdisciplinares, vem se afirmando. Tanto os cursos de Comunicação com vistas a formar profissionais para o mercado quanto as instâncias acadêmicas de debate apresentam sinais de vitalidade. A área de Comunicação, ao que parece, tem dado mostras de uma vitalidade acadêmica e profissional sem indícios de maiores problemas. Qual seria a necessidade, então, de se manter a discussão?

A demanda fica mais nítida em outras instâncias. A primeira delas é o ensino de Comunicação em cursos de graduação. Outra é a formação de Mestres e Doutores na área,

espaço no qual a discussão é ainda mais premente. Nos dois casos, as problemáticas de formação institucional remetem ao problema das fronteiras disciplinares da área.

### **3. As demandas institucionais e a indefinição epistemológica**

Não haveria, nesse sentido, a possibilidade de esvaziamento da disciplina? Se identidades são estabelecidas, entre outros fatores, a partir da demarcação de diferenças, da definição de um “dentro” e “fora” ou na delimitação das pertencas em oposição às exclusões, então a “crise de identidade” dos cursos de Comunicação, mencionada cerca de três décadas atrás por Venício Lima (1983), pode ser atual. Se a área tem como característica ser interdisciplinar, como delimitar as fronteiras da disciplina? Pode-se que os cursos, de acordo com a época, oscilaram entre uma formação humanística e técnica, com diferentes espaços para a teoria (MELO, 1974; LIMA, 2001; AFONSO, 2006).

O fortalecimento institucional da área, ao que tudo indica, não se deve especificamente à delimitação de seu campo de estudos, mas também à demanda de mercado por uma mão de obra especializada (LIMA, 2001; MARTINO, 2001; FERREIRA et alli, 2010:15) – situação que pode ser lida como uma sobreposição da busca pelo “técnico” em detrimento do “profissional”, apesar das experiências bem-sucedidas de algumas instituições no equilíbrio entre ambos.

Esses cursos de Comunicação requerem uma formação teórica. Isso implica definir, nas matrizes curriculares, o lugar das disciplinas teóricas, dentre as quais, como fundamento, Teoria da Comunicação (LINS DA SILVA, 1978; BONIN, 2005). A pergunta é como preencher esse espaço. A questão é especialmente válida quando se tem em mente que, no estabelecimento de matrizes curriculares, problemas como a interseção ou sobreposição de conteúdos podem vir à tona no estabelecimento dos saberes que constituem o próprio curso de Comunicação. Em um exemplo hipotético, qual seria a razão de incluir um tópico “Semiótica” em Teoria da Comunicação em um curso no qual a matriz curricular contempla uma disciplina com esse nome? Não se está aqui argumentando a respeito do diálogo interdisciplinar, necessário e desejável, mas da localização de saberes dentro de um discurso materializado nas ementas e programas de disciplinas (MARTINO, 2011).

Em um texto de 1987, Epstein (1987:95) atribuía à disciplina Teoria da Comunicação a característica de “impasse disciplinar”, ao mesmo tempo em que destacava sua posição central nos cursos de Comunicação: “Nada mais próprio ou adequado a um curso universitário de comunicação do que conter em sua espinha dorsal teórica uma disciplina com este título”. No entanto, ao observar a polivalência da expressão “Teoria da Comunicação”, usada em campos diversos como a Antropologia, a Psicologia e a Engenharia, questiona a possibilidade mesma de se falar em uma Teoria da Comunicação.

Nesse sentido, a dispersão epistemológica da área, encontrando ressonância na disciplina Teoria da Comunicação, coloca-se como um problema prático na elaboração das questões do próprio ensino e da formação acadêmica da área. Seria possível questionar o tipo de conhecimento teórico oferecido e efetivado em cada uma dessas instâncias.

O segundo elemento apontado é em uma instância superior, os cursos de pós-graduação em Comunicação. Esses espaços se encontram em expansão numérica e qualitativa nos últimos anos, como se pode observar não apenas pelo aumento do número de Programas de Pós-Graduação e pelo nível de qualidade refletido nas publicações do corpo docente e discente, realização de eventos envolvendo alunos e professores, além de outros critérios de aferição.

Quando, no âmbito dos cursos de pós-graduação, se busca pensar de maneira mais elaborada a definição de fronteiras da área para caracterizar a aderência de um determinado objeto de pesquisa, ou linha teórica, à área de Comunicação, o desafio de encontrar esses limites se torna ainda mais premente. Marques de Melo (2002:6) destaca que vivemos “uma conjuntura de dispersão investigativa, consequência do crescimento impetuoso da última década, suscitando a fragmentação dos objetos de estudo e conduzindo ao isolamento analítico”.

Como definir o que é, de fato, um projeto de Comunicação se, efetivamente, a própria definição de Comunicação não é objeto de consenso? O problema da indefinição teórica, nesse espaço, se apresenta com maior intensidade no momento em que é preciso encontrar critérios para aceitar ou não um projeto, para orientar um pesquisador nos rumos de seu trabalho ou mesmo para definir, de antemão, se um projeto está de acordo com a área de Comunicação ou se seria mais bem encaminhado à outra área de pesquisa (SANTAELLA, 2003).

O mesmo se reflete na escolha de autores e teorias que podem compor um determinado referencial teórico. Como definir, sobretudo nos casos de fronteira, quais são os “autores da área”, se não a partir de um cânone já consagrado? Qual seria o destino, nesse caso, dos autores fora desse cânone, além das fronteiras de um discurso de consagração e referência responsável por garantir a presença de determinadas ideias e não de outras? A resposta, nesse caso, depende diretamente do que se entende por “Comunicação” e a partir de qual perspectiva teórica se está trabalhando (SCOLARI, 2008). Diferentes modos de se entender comunicação poderiam, em alguma instância, incluir ou excluir da área uma mesma pesquisa. Vale, nesse sentido, observar algumas dessas posturas.

#### 4. Meios, processos e a disciplina em sala de aula

Uma pesquisa em progresso a respeito dessa intersecção entre as discussões epistemológicas e sua objetivação na disciplina Teoria da Comunicação é retomada aqui com o objetivo de auxiliar a visualizar de que maneira a epistemologia da Comunicação chega à sala de aula<sup>3</sup>. Foram analisados programas de ensino de Teoria da Comunicação de trinta e um cursos do país, selecionados de acordo com a disponibilidade para consulta *online* nos meses de novembro e dezembro de 2010. Tem-se em mente que não se pode imaginar uma relação simétrica entre os conteúdos incluídos nas ementas e o que efetivamente é ensinado nas salas de aula. Trata-se, na melhor das hipóteses, de um índice do que é considerado válido para ser trabalhado na disciplina “Teoria da Comunicação”. Não se pretendem uma visão detalhada, mas um suporte para se pensar as questões acima discutidas:

(a) As ementas e conteúdos programáticos articulam-se principalmente ao redor de “escolas teóricas” ou “teorias”, apresentadas em recorte cronológico, não temático. Seria possível questionar se o ensino de Teoria *da* Comunicação não está sendo pensado como o ensino de teorias aplicadas à Comunicação ao longo do século XX.

(b) Apesar a semelhança de estruturação dos recortes cronológicos, não há unidade entre as ementas. Nenhum autor, escola, conceito ou teoria está presente em todos os 31 programas. Os mais citados são Escola de Frankfurt (em 24 programas), Estudos Norte-

---

<sup>3</sup> O material empírico aqui é extraído de uma pesquisa apresentada em outro espaço (Martino, 2011).

Americanos (em 20), Estudos Culturais (13) McLuhan (12), Estruturalismo/Semiótica (12) e Escolas ou autores Latino-Americanos (12).

(c) Do total de 101 tópicos diferentes incluídos nos programas de Teoria da Comunicação, apenas quatro – Escola de Frankfurt, Estudos Norte-Americanos, McLuhan e Estudos Culturais – estão presentes em mais da metade.

(d) Nota-se especialmente a presença de escolas, autores e teorias formulados há mais cinquenta anos na composição do que poderia ser considerado uma espécie de núcleo central da disciplina.

(e) O total de autores nas bibliografias é 224, dos quais 135 estão presentes apenas em um programa; nenhum figura em todos. Os autores citados em mais de dez programas são: Mauro Wolf (em 21 programas), Armand Mattelart (20), Umberto Eco (19), Lúcia Santaella (16), Luiz Costa Lima (15), Antonio Hohfeldt, Vera França e Luiz C. Martino (13), Marshall McLuhan (12), Melvin DeFleur & Sandra Ball-Rokeach (12).

Se é possível apresentar de modo esquemático os componentes de um “núcleo” presente em mais de cinco programas, a apresentação da diversidade demandaria um espaço consideravelmente maior do que os limites deste texto. Se é possível questionar a validade epistemológica das teorias e escolas presentes nesse “núcleo” para o estudo da Comunicação, é talvez ainda mais necessário endereçar algumas perguntas à epistemologia da área a partir do elemento de dispersão presente nos programas de ensino.

Dada a dispersão temática representada pela inclusão de tópicos singulares nos programas, é possível perguntar até que ponto a área de Comunicação é elástica o suficiente para agregar esse alto número de saberes. Por exemplo, pode-se perguntar, e o questionamento não é de um ponto de vista normativo, mas no que se refere aos limites do campo, até que ponto os tópicos “Lógica” ou o conceito de “Ideologia” explicam a Comunicação, se estudos de *newsmaking* e *gatekeeping* não são antes “Teoria do Jornalismo” do que “Teoria da Comunicação” – e a relação entre essas duas categorias seria objeto de outra análise – ou se o estudo dos gestos e dos discursos orais estão no âmbito da disciplina. Em outras palavras, a rigor, o que *não* poderia ser incluído como “Teoria da Comunicação” ou, adotando-se uma perspectiva plural, entre as “Teorias da Comunicação”?

De toda a gama de perspectivas sobre o que é estudar a Comunicação, quais os limites de seu objeto e métodos nos programas de ensino observados, seria possível destacar

duas posturas principais, com o evidente risco de subsumir toda uma gama de nuances a um esquema que, em nome da inteligibilidade teórica certamente não dá conta do empírico senão em sua redução. Observa-se no horizonte de pesquisa o esboço de uma certa dualidade no que diz respeito ao objeto (FERREIRA, 2007; BRAGA, 2004; 2010; MARTINO, L.C., 2007; MARTINO, L. M., 2008; 2010). É necessário explorar brevemente esses dois pontos de vista, aos quais se pode endereçar questionamentos na constituição da disciplina, na medida em que eles estão diretamente ligado aos conteúdos de sala de aula.

Em uma perspectiva na qual a pesquisa em Comunicação se define pela centralidade operacional dos meios eletrônicos e digitais, seria o caso de pensar o objeto como esses próprios meios ou pelas relações entre esses meios e os indivíduos, grupos e sociedades nos quais existem (ALBUQUERQUE, 2002; TRIVINHO, 2001).

Dentro de uma genealogia das Teorias da Comunicação, pode-se dizer que o estudo propriamente dito da “Comunicação” acontece dentro dessa perspectiva, com as buscas, nos Estados Unidos da primeira metade do século XX, de pensar os efeitos dos meios de comunicação de massa na política e na sociedade (VARÃO, 2010) Ao mesmo tempo, Adorno e Horkheimer, na mesma época, desenvolviam o conceito de “Indústria Cultural” – em uma análise mais ampla das contradições da Modernidade, é preciso notar – para trabalhar os meios. Uma geração depois, aproximadamente, a centralidade dos meios é ressaltada pela Escola de Toronto e, em certo aspecto, pode ser pensada também em algumas pesquisas contemporâneas sobre as tecnologias digitais – um esforço de pensar a sociedade a partir da mídia.

Essa perspectiva, ganhou força a partir das condições derivadas do advento das mídias digitais, em especial da Internet e todos os elementos relacionados à comunicação em rede. Essa concepção parece colocar em xeque a divisão anterior entre os aportes mencionados na medida em que a distribuição dos fluxos e dinâmicas da Comunicação, no espaço das redes, não parece ser restrito a uma das duas posturas, se não a uma interseção conflituosa de ambas. O que parece existir, no modelo midiacêntrico, é uma passagem de um modelo de comunicação vertical de massa para uma “comunicação horizontal”, que não se confunde, mas está relacionado, com a perspectiva de uma interação em rede.

Trivinho (2001) menciona a “implosão” da Teoria da Comunicação em sua capacidade limitada de dar conta das perspectivas trazidas pelos meios digitais. No espaço do

virtual, a própria noção de uma Teoria da Comunicação é repensada em sua capacidade de explicar os eventos humanos de caráter comunicacional.

No entanto, seria a presença de uma mídia eletrônica suficiente para caracterizar uma pesquisa em Comunicação ou, nesse espaço, o estudo não estaria voltado para o âmbito específico da tecnologia, com o risco de se transformar a centralidade tecnológica em determinismo técnico? Mais ainda, é possível argumentar que o processo de Comunicação não se encerra nos meios eletrônico-digitais, e reduzir o campo de pesquisas a isso seria deixar de lado uma vasta gama de potenciais eventos de Comunicação entre indivíduos e grupos.

Por outro lado, em quando se pensa a Comunicação como interação entre indivíduos, processo humano e social que transcende os meios eletrônicos e está indelevelmente ligada à própria noção de “ser humano”, o estudo acadêmico fica livre das limitações e dos riscos de qualquer eventual determinismo tecnológico (MORAGAS SPA, 1987; MARTIN BARBERO, 1998; FUENTES NAVARRO, 2004; MARTINS, 2006).

A vertente processual não deixa de lado a presença da mídia, mas busca ver essa relação em termos mais amplos, pensando “mídia” como um *continuum* que vai dos corpos aos elementos digitais. Essa noção parece se fundar na perspectiva de que os processos de interação humana são, sobretudo, relações de comunicação que pervadem todo o espaço simbólico; o universo é um contexto, mas também uma mensagem, uma constelação de mensagens nas quais o indivíduo é um nó.

Os estudos nesta área ultrapassam o espaço dos meios eletrônicos. Pode-se, dentro das teorias apropriadas pela área de Comunicação, pensar nos estudos de Harry Pross (BAITELLO, 1999; MENEZES, 2007), mas também no modelo das Mediações, desenvolvido por Martin-Barbero (1987), ou em aportes que pensam os meios a partir da sociedade e dos processos históricos, econômicos e sociais, como a perspectiva gramsciana de conflito entre hegemonia e resistência (LINS DA SILVA, 1980; 1986), para mencionar apenas duas vertentes.

Há, também nesta abordagem, um problema: dada a complexidade e a multiplicidade das formas de Comunicação humana, como seria possível delimitar uma parte desses elementos como objeto específico de uma área sem uma inevitável sobreposição com áreas vizinhas (ALBUQUERQUE, 2002; MARTINO, L.C., 2005)? Em que medida um estudo do

contexto do receptor não se traduziria em um estudo sociológico ou psicológico? Não se trata, nesse sentido, de pensar uma interlocução acima das fronteiras de área, mas questionar a necessidade de uma área específica para estudar um fenômeno previamente apropriado por outros campos do saber.

Assim, chega-se esses dois posicionamentos, que poderiam ser denominados “midia-cêntrico” e “processual”, na falta de nome melhor e com os riscos apontados ao se pensar em nomenclaturas. Nos dois casos, a elaboração de uma Teoria da Comunicação certamente encontraria problemas gerados pela limitação do objeto a dispositivos e/ou sua relação com o humano, no caso midia-cêntrico, e a dispersão dos objetos possíveis sem limite algum, na perspectiva processual (FELINTO, 2007).

Os dois aportes correspondem a modos diferentes de ver a Comunicação, em uma pluralidade que, se é bem-vinda por um lado, porquanto fronteiras disciplinares são construções intelectuais e, portanto, podem ser desmontadas, por outro lado parece ter igualmente um potencial para atuar como um elemento negativo no momento de ser apropriado pela prática de pesquisa ou em sala de aula.

Uma área de estudos, ao que tudo indica, não se define por um objeto *dado*, ao qual só restaria ao pesquisador o trabalho de aplicar um conjunto canônico de ideias para decodificar. A construção do objeto, os procedimentos, critérios e valores presentes nessa elaboração, bem como a articulação com grupos de ideias é parte essencial da definição de uma área (VENTURINI, 2007). Não se está, portanto, sugerindo que o objeto da Comunicação possa ser encontrado, como se fosse um dado. Questiona-se quais as condições de sua construção a partir de recortes específicos que o caracterizem como um aporte comunicacional específico, ainda que caudatário de uma bem-vinda referência ao pensamento de outros espaços.

Na medida em que não há uma delimitação dos saberes agrupados sob o nome “Teoria da Comunicação”, como delimitar então *o que é ou não* Teoria da Comunicação? Seria possível reduzir a discussão à autoridade enunciativa do proferimento das instâncias autorizadas? Essa dimensão, presente, pode ser levada em consideração na análise da dinâmica epistemológica, mas talvez seja produtivo, ao mesmo tempo, recordar a autonomia relativa do discurso epistemológico do campo, sob risco de se efetivar uma redução do

epistemológico ao micropolítico e tornar o “saber” apenas um apêndice do “poder”, não partes de um binômio.

## 5. Considerações finais

A dimensão que o debate epistemológico sobre a Comunicação vem tomando ao longo das últimas décadas indica uma preocupação constante a respeito do tema, bem como um certo grau de desacordo no que diz respeito às premissas básicas que constituem a área. A existência desse debate, no entanto, parece ser um indicador, em sentido positivo, de que a área se debruça sobre seus problemas específicos, procurando encontrar caminhos para a articulação das múltiplas vozes presentes no campo.

Esse nível epistemológico da discussão materializa-se, entre outros momentos, quando se pensa na Comunicação como atividade humana, mas também como ramo profissional e como área de estudos na universidade. A formação do profissional de Comunicação não prescinde do suporte teórico, algo que vem sendo objeto de várias discussões em âmbitos diversos, não apenas na academia mas por vezes também no mercado.

A pergunta a respeito do que ensinar nessa formação teórica está ligada diretamente aos debates epistemológicos que delineiam, no diálogo entre várias posições, os contornos de uma área de estudos. Vale recordar um texto de Raymond Williams (1979), no qual especificava que, diante das ambivalências do conceito de Comunicação, sua tradução em termos de formação de profissionais e pesquisadores estaria ligada à aquisição de uma vasta gama de conhecimentos conceituais, práticos e técnicos – e seria o caso de questionar se é esperado, de fato, que o profissional domine um universo de habilidades teóricas e práticas de tal modo díspare (KORMAN DIB, AGUIAR & BARRETO, 2010).

Essa pluralidade de sentidos não escapa sequer ao universo semântico. A expressão “Teoria da Comunicação”, ao longo do texto, foi usada em sua ambivalência, seja para designar a disciplina acadêmica com esse nome, seja para se pensar na questão epistemológica da constituição de uma Teoria. Dado que essa ambivalência é um dos elementos de análise, optou-se pela explicitação de seu duplo sentido.

O desafio de compreender os parâmetros de uma Epistemologia da Comunicação materializa-se, entre outros momentos, na necessidade pedagógica de transformar as

concepções, debates e questionamentos teórico-metodológicos da área em matrizes curriculares de uma disciplina acadêmica. As reflexões buscadas nesse texto visam, sobretudo, pensar em alguns dos critérios a partir dos quais essa transição entre o debate epistemológico e prática acadêmica pode ser levada a efeito, considerando as condições dinâmicas que a Comunicação, em suas várias definições, pode apresentar.

Nos últimos anos, em particular, esse debate vem assumindo novas configurações à medida em que tecnologias e dispositivos agregam outras perspectivas para se pensar o fenômeno comunicacional e colocam questões para se formular um currículo de Teoria da Comunicação – por exemplo, compete a essa disciplina trabalhar as questões voltadas às culturas digitais? As redes sociais digitais pertencem ainda ao escopo da disciplina ou exige-se um espaço novo para esse debate? Finalmente, qual a validade – se a pergunta é pertinente – dos enfoques teóricos utilizados até duas décadas atrás, como por exemplo as noções de Indústria Cultural, *Agenda Setting* ou Fluxo em Duas Etapas em tempos de comunicação em redes digitais? Ao que parece, a resposta a essas perguntas não podem ser dadas sem que se pense os próprios limites do escopo de uma área de estudos da Comunicação; ao mesmo tempo, demandam soluções, quando se leva o debate para o espaço da sala de aula.

A escolha de critérios e direções a esse respeito certamente passa por um melhor entendimento do que é Comunicação – uma perspectiva que só pode ser obtida na trilha do diálogo entre pontos de vista diferentes, no sentido de uma melhor compreensão dos múltiplos elementos que compõe a área.

Se os questionamentos levantados neste texto são possíveis, é porque a área vem pensando a si mesma, em vários espaços, à medida em que a expansão de cursos de graduação e pós-graduação atingem padrões de reconhecimento e qualidade. É exatamente por conta da intersecção entre esses dois elementos que se faz necessário observar as condições de diálogo entre o debate epistemológico e a prática acadêmica. É nesse sentido que pensar a epistemologia da Comunicação em sua dimensão pedagógica como a disciplina Teoria da Comunicação.

## Referências

- AFONSO, M. A. Ensino: sonhos e pesadelos do curso pioneiro. In: MELO, J. M. **Pedagogia da Comunicação: matrizes brasileiras**. São Paulo: Angellara, 2006.
- ALBUQUERQUE, A. Os desafios epistemológicos da comunicação mediada por computador. *Revista Fronteiras*. Vol. IV, n.2, Dezembro 2002.
- BAITELLO, N. Comunicação, mídia e cultura. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 12, n. 4, p. 11-16, 1999
- BARBOSA, M. A pesquisa em Comunicação no século XXI: bases para uma nova ciência?. IN: MELO, J. M. e GOBBI, M. C. **Pensamento comunicacional latino-americano**. São Paulo: Unesco/Metodista, 2004.
- BARBOSA, M. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In. HOHFELDT, A. *et alli*. **Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2002.
- BONIN, J. A. Elementos para pensar a formação e o ensino em teorias da comunicação. **Revista Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 61-68, jul./dez. 2005
- BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência**. São Paulo: Unesp, 2006.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BRAGA, J. L. Os estudos de interface como espaço de construção do Campo da Comunicação. Trabalho apresentado no XIII **Encontro da Compós**, em junho de 2004.
- EPSTEIN, I. Um impasse curricular: Teoria da Comunicação. IN: MELO, J. M. **Ensino de Comunicação no Brasil: impasses e desafios**. São Paulo: Eca/Usp, 1987.
- FELINTO, E. Patologias no sistema da comunicação: ou o que fazer quando seu objeto desaparece. In: FERREIRA, G. e MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador: Ed. UFBA, 2007.
- FERREIRA, J. Questões e linhagens na construção do campo epistemológico da Comunicação. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Cenários, teorias e metodologias da Comunicação**. Rio de Janeiro: e-papers, 2007.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. In: MOTTA, Luiz Gonzaga; FRANÇA, V., PAIVA, R. e WEBER, M. H. (orgs.) **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2001.

- FUENTES NAVARRO, R. El estudio de la comunicación desde una perspectiva sociocultural en América Latina. **Diá-logos de la comunicación**. Peru, n.49, p. 16-25, 1994.
- FUENTES NAVARRO, R. La investigación de la comunicación en América Latina. **Comunicación y Sociedad**. Guadalajara, Universidad de Guadalajara, no. 36, Julio-Diciembre 1999, p. 114.
- KORMAN DIB, S., AGUIAR, L. e BARRETOS, I. Economia política das cartografias profissionais: a formação específica para o jornalismo. **Revista de Economia Política de las tecnologías de información y comunicación**. Vol. 12, no. 2, Maio-Agosto 2010.
- LIMA, V. **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001.
- LIMA, V. Repensando a(s) teoria(s) da comunicação. In: MELO, J. M. **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo: Intercom/Cortez, 1983, p. 86.
- LINS DA SILVA, C. E. Indústria cultural e cultura brasileira: pela utilização do conceito de hegemonia cultural. **Revista Civilização Brasileira**, Ago./Out. 1980, pp. 189-191.
- LINS DA SILVA, C. E. Teoria da Comunicação. In: FADUL, A. & MELO, J. M. **Ideologia e Poder no Ensino de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 1978.
- LOPES, M. I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. In: \_\_\_\_\_. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.
- LOZANO A., C. y VICENTE M., M. (2010): La enseñanza universitaria de las Teorías de la Comunicación en Europa y América Latina. *Revista Latina de Comunicación Social*, 65. La Laguna (Tenerife): Universidad de La Laguna, pp/ 255 a 265
- MARTINO, L. C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. *et alli*. **A Comunicação Revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da Comunicação. In: VVAA. **Campo da Comunicação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.
- MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.
- MARTINO, L. M. S. A disciplina interdisciplinar. Texto apresentado no GT Estudos Interdisciplinares no XVI Intercom Sudeste. São Paulo, 10 a 12 de maio de 2011.
- MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Famecos**, no.38. Junho-Agosto. Porto Alegre, 2008.
- MARTINS, L. **Teorias da comunicação no século XX**. Brasília: Casa das Musas, 2005.
- MATTOS, M. A. Desafios para a aformação e o reconhecimento da identidade teórico-epistemológica do campo comunicacional e seus agentes acadêmicos. In: FERRREIRA, G. M. e MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação**. Salvador, Edufba, 2007.
- MELO, J. M. Ciências da Comunicação na América Latina: Itinerário para ingressar no Século XXI. Conferência proferida no **VI Congresso Latino-Americano de Ciências da Comunicação** - ALAIC, Santa Cruz de la Sierra, Bolívia, 2002
- MELO, J. M. **Contribuições para uma pedagogia da Comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1974.

MORAGAS SPA, M. Las ciencias de la comunicación en la ‘sociedad de la información’. **Revista Dia-Logos de la Comunicación**. No. 49, Outubro 1997, p. 32.

PINHEIRO, A. F. et alli. A importância da percepção e da assimilação das teorias da Comunicação entre os estudantes de Jornalismo da UESPI – Universidade Estadual do Piauí. Trabalho apresentado ao Intercom Júnior, no XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.

SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2003.

SANTOS, T. C. Teorias da Comunicação: caminhos, buscas e intersecções. **Revista Famecos**. Porto Alegre, no. 28, dezembro 2005, p. 163.

SHOLLE, D. Resisting Disciplines: Repositioning Media Studies in the University. **Communication Theory**, 5 (2), 1995, pp.130–143.

TEMER, A. C. Teorizar é pensar a prática: uma reflexão sobre o ensino das Teorias da Comunicação nos Cursos de Jornalismo. Texto apresentado no 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo – Goiânia-GO – 27 a 30 de abril de 2007.

VARÃO, R. Notas Sobre o Mito dos Quatro Fundadores do Campo Comunicacional: Coisas que Ninguém Nunca Viu Antes e Pensamentos que Ninguém Teve. In: XXXI CONGRESSO DA INTERCOM. Natal, RN. **Anais do XXXI Congresso da Intercom**. – 2 a 6 de setembro de 2008.